

LEITURA ESTÉTICA NAS PRÁTICAS DOCENTES E A COMPREENSÃO DO DESENHO INFANTIL

Silvia Sell Duarte Pillotto¹, Rita de Cássia Fraga da Costa², Maura Maria Roth³ e Ana Clara Lucri Alves⁴

Resumo

O artigo tem como objetivo refletir sobre a leitura do desenho infantil nas práticas docentes de professores/as atuantes nas/com as infâncias, compreendendo-o como mapa sensível de comunicação. A leitura do desenho infantil é fundamental para que se possa captar pistas e efeitos, que por vezes na linguagem oral da criança não são evidenciados. A pesquisa de cunho bibliográfico rastreou estudos e investigações que apontam modos de ler o desenho infantil, reiterando sua relevância no campo das práticas docentes. Os resultados, a partir de estudos e análise de livros e periódicos, mostram que o desenho infantil foi amplamente pesquisado em décadas passadas, em especial no campo da Psicologia. No entanto, os resultados apresentados apontam que atualmente a leitura estética do desenho infantil tem sido pouco explorada e de modo reduzido. Este fato é preocupante, pois o mundo visual e seus símbolos são meios de comunicação e interação humana. Conclui-se que a dimensão estética do desenho encontra consonância entre a criança e o/a docente, possibilitando vínculos afetivos, potencializados pelos processos de aprendizagem. Deste modo, é imprescindível a inserção da leitura estética nas práticas docentes como dispositivo para o diálogo entre professor/a e criança, bem como sua contribuição nos processos cognitivos e sensíveis.

Palavras-chave: Desenho infantil; Leitura Estética; Práticas Docentes.

AESTHETIC READING IN TEACHING PRACTICES AND UNDERSTANDING CHILDREN'S DRAWINGS

Abstract

¹Pós-Doutora em Infâncias (UMINHO). Professora e pesquisadora na graduação e pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, SC, Brasil. Líder do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE/Univille).

²Pós-Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, SC, Brasil. Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista FAPESC.

³Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, SC, Brasil. Estudante membro do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista FAPESC.

⁴Graduanda em Psicologia, na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, SC, Brasil. Estudante membro do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista CNPq.



The aim of this article is to reflect on the reading of children's drawings in the teaching practices of teachers working with children, understanding them as a sensitive communication map. Reading children's drawings is fundamental for picking up clues and effects that are sometimes not evident in the child's oral language. The bibliographic research tracked down studies and investigations that point to ways of reading children's drawings, reiterating their relevance in the field of teaching practices. The results, based on studies and analysis of books and periodicals, show that children's drawings were widely researched in past decades, especially in the field of psychology. However, the results show that currently the aesthetic reading of children's drawings has been little explored. This is worrying, as the visual world and its symbols are means of communication and human interaction. It is concluded that the aesthetic dimension of drawing is in harmony between the child and the teacher, enabling affective bonds that are enhanced by learning processes. In this way, it is essential to include aesthetic reading in teaching practices as a device for dialog between teacher and child, as well as its contribution to cognitive and sensitive processes.

Keywords: Children's drawing; Aesthetic reading; Teaching practices.

1 Introdução

Este artigo destaca o desenho infantil como importante dispositivo para que docentes atuantes nas infâncias possam compreender determinadas situações, que por vezes não são percebidas na expressão oral da criança ou mesmo pelo seu silêncio. Muitas vezes, elas não entendem ou não conseguem comunicar seus sentimentos: tristeza, medo, angústia, desconfiança, por outros meios que não seja pelo gestual ou pelo desenho.

À medida que crescem, as crianças vão criando e ampliando outros mecanismos para expor suas emoções e se não compreendidas em suas manifestações expressivas, tendem a se fechar em seu universo particular. Em seus desenhos, imprimem suas relações pessoais a partir do meio social e cultural em que vivem, especialmente no ato de desenhar. Este gesto estreita e reafirma seu conhecimento como sujeito social, pois o

[...] desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever, a criança se serve do desenho. A criança desenha para falar de seus medos, suas descobertas, suas alegrias e tristezas (Moreira, 2009, p. 20).

E por que se faz necessário no espaço da educação ler cuidadosamente e de modo afetivo os desenhos infantis? Pergunta com muitas respostas ou ainda

com novos questionamentos, pois as práticas do desenho revelam singularidades, configurando-se em cultura infantil (Sarmiento, 2007).

A cultura infantil, unida ao simbólico, expressa no desenho uma das mais importantes fontes para se conhecer as infâncias e a criança, pois apresenta uma realidade articulada ao imaginário, que inscreve sua apreensão do mundo sentido, percebido e vivido. O desenho, portanto, possibilita a comunicação para além da linguagem verbal, pois “[...] um desenho torna-se muito mais complexo do que uma simples tentativa de representação visual” (Lowenfeld, 1977, p. 58).

Essas questões são fundamentais para a construção de uma prática docente, que se interessa em realizar ações em parceria e colaborativas com as crianças. Sendo assim, a leitura estética dos desenhos infantis pode contribuir para que o/a docente conheça outras facetas da criança, antes não percebidas e, que podem fazer diferença nas escolhas metodológicas e percursos educativos.

Os percursos percorridos pelo/a docente implicam também na interpretação do que a criança cria (desenho), o que envolve percepções do seu mundo real e imagético. Neste sentido, a contribuição docente no processo de leitura é fundamental, pois amplia possibilidades de compreender a criança e suas subjetividades.

A leitura estética considera a expressividade da criança, levando em conta o que cada forma, linha, cor, figura e espaço tem a dizer. Também os personagens, cenários, objetos e as relações entre imagens e espaço, podem ser pistas importantes para que o/a docente, compreenda as relações de afeto e o estado emocional do que se passa com as crianças, intervindo no intuito de ajudá-las a entender e superar os problemas. Assim, o traço, o gesto e o cenário desenhados, são indícios de como é possível se comunicar com a criança, compreendendo-a como agente social e atuante nas práticas sociais e culturais.

Em nossa pesquisa, ficou evidente que o desenho infantil pode fornecer valiosos *insights* sobre o desenvolvimento cognitivo e sensível das crianças, e por isso merece maior aprofundamento nos campos da educação e nas práticas docentes. Ou seja, a leitura do desenho infantil pode ser um fio condutor para que o/a docente compreenda a criança em suas múltiplas manifestações expressivas, fortalecendo os laços afetivos.

A partir das questões aqui apresentadas, o artigo: *Leitura estética nas práticas docentes e a compreensão do desenho infantil*, pretende contribuir no campo da educação, aspirando que a temática possa ser um diferencial na compreensão das infâncias e na reinvenção de práticas docentes como atributo de sensibilidades.

2 Referencial Teórico

O desenho infantil e sua relevância no campo da educação nas infâncias tem sido discussão na acadêmica e eventos científicos, uma vez que a



manifestação expressiva da criança possibilita rastros sobre seus mais variados sentimentos: curiosidade, ansiedade, rejeição, dúvida, satisfação, angústia, entre outros.

Este artigo resulta de investigação bibliográfica na busca por autores que apresentam modos de ler o desenho infantil, reiterando sua relevância no campo das práticas docentes. Os estudos mais recentes sobre infâncias e desenho infantil, ficam por conta de autores, como: Cunha (2023), Pillotto (2020), Iavelberg (2017), entre outros, que tratam de questões atuais relacionadas a expressão infantil.

Muitos autores, especialmente no século XX, a exemplo: Luquet (1969), Lowenfeld (1977), Kellogg (1969), Winnicott (1975) e Mèredieu (2017), identificaram em seus estudos e pesquisas, transformações significativas ocorridas durante o desenvolvimento do desenho da criança, nomeando-as em fases sucessivas. Dentre eles, vale destacar Winnicott, psicanalista e pediatra inglês, que no ano de 1935, utilizou o desenho infantil como instrumento de análise. Seu método, nomeado de *squiggle* - jogo do rabisco, detalha sobre o universo de símbolos interpretativos que apontam estados emocionais das crianças (Winnicott, 1975).

Outro destaque é o de Hermine von Hug-Hellmuth, psicanalista e pioneira na análise infantil, que conciliava os objetivos psicanalíticos com os da família, escola e sociedade. O objetivo da psicanalista era desvendar sentimentos e ideias ocultos pela criança no desenho, compreendido por ela como linguagem simbólica (Camarotti, 2010).

Embora as pesquisas de renomados teóricos tenham sido de grande contribuição no campo da educação, vale ressaltar que essas questões se ampliaram, dando destaque ao desenho infantil como gesto individual, mas sobretudo social, pois como afirma Sarmiento (2007, p. 35)

[...] o estudo da natureza dessa diferença - individual no que respeita o desenho de cada criança e, colectivo, pelo que resulta da alteridade cultural da geração infantil – constitui um dos eixos do trabalho sociológico da infância.

Todavia, a educação nas infâncias requer uma relação de alteridade e um olhar sensível para o desenho infantil podendo “[...] ser também um lugar para nos perguntarmos como comunicar ou transmitir, como conversar com desconhecidos” (Molina García, 2008, p. 200).

Ao desenhar a criança torna seu pensamento e sentimentos em algo concreto, pois é uma forma de observar o que está em seu entorno. O desenho é um jogo imaginativo, e ao traçar um personagem, um objeto ou um cenário, a criança cria seu modo de ser no universo, acrescentando informações e emoções a partir do seu jeito próprio, de modo autoral (Barbiere, 2012). Além disso, o desenho tem íntima relação com o brincar e com modos objetivos e subjetivos de se comunicar. Para Winnicott (1975, p. 93),

[...] é com base no brincar, que se constrói a totalidade da existência do homem. Não somos mais introvertidos ou extrovertidos. Experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva, e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo aos individuais.

As instituições de educação, precisam incentivar práticas docentes, que envolvam a experiência e as sensibilidades. É fundamental que compreendamos a criança como agente social, valorizando seus processos criativos, emocionais, imagéticos e seus modos de expressão.

Um dos meios para se compreender a criança e pensar em práticas docentes que envolvam as sensibilidades é criar modos de ler o desenho infantil. Este pode ser um importante instrumento para que o/a docente possa identificar como a criança está em relação as questões emocionais e cognitivas. Neste caso, a leitura estética pode ser um importante caminho, pois “como linguagem o desenho tem alfabeto próprio, composto por todos os tipos de traços possíveis” (Barbiere, 2012, p. 93). Ou seja, nas infâncias as crianças criam livremente, sem bloqueios ou medos e é neste lugar em que podemos construir interações afetivas, entendendo as relações entre o real e imaginário apresentados no desenho da criança (Sarmiento, 2007).

Deste modo, é necessário um olhar cuidadoso para com a criança e seu desenho, compreendendo que “o sensível, as percepções e os afetos se autoproduzem num campo de ação mais vasto do que o da nossa compreensão” (Meira; Pillotto, 2022, p. 59).

Os fundamentos dos nossos estudos investigativos estão ancorados na ideia de que a criança se expressa articulando suas experiências à imaginação criativa. Ou seja, “traz para o desenho sua vida e sua história, os momentos pelos quais está passando, ou o que imagina, ou gostaria de passar e traz ainda momentos que já aconteceram e que marcaram sua vida” (Rabello, 2014, p. 24).

Assim, o desenho é um movimento que ocorre com a intervenção de fatores do meio sociocultural, da própria criança e da educação, pois como afirma Iavelberg (2017, p. 102), “a criança desenha mergulhada em um meio ambiente onde já existem imagens que, queiramos ou não, exercem influência em sua ação gráfica”. Ou seja, o contexto em que a criança está inserida, suas experiências visuais, sonoras e corporais, bem como as culturas vigentes, refletem no seu desenho. Ademais, no ato de desenhar a criança amplia sua percepção, observando seu traço como extensão dos sentires (Iavelberg, 2013).

Nas práticas docentes, o desenho infantil pode ser um meio de compreender a criança, possibilitando ações de intervenção pedagógica/afetiva. Aliado ao desenho, a leitura estética viabiliza interpretações, capaz de revelar inquietações, vontades e situações, sobre as quais a criança está passando. O olhar docente faz parte desse jogo interpretativo, pois entrará em jogo, seus

conhecimentos e experiências sobre educação, infâncias e leitura estética (Pareyson, 1989).

A leitura do desenho infantil jamais se esgota, pois entram em jogo pontos de vistas, constituídos a partir de conhecimentos, experiências e abertura para o desconhecido sobre quem faz a leitura e seus modos de interpretação. É um diálogo não verbal e relacional do que afeta quem produziu (a criança) e do que movimenta o/a docente no ato da leitura do desenho. São atributos de significações em diferentes contextos e realidades; modos de encarnar aquilo que o desenho tem a dizer de mais potente e do que mais afetou o/a docente. Estão em jogo no desenho infantil o conteúdo emotivo, que no ato da leitura exprime dois níveis ao mesmo tempo, um intencional e outro inconsciente (Stern, 1977).

Ler uma imagem é ler o mundo dando-lhe sentido, é torná-lo significativo; um ato que envolve construções cognitivas, sensíveis e culturais (Parsons, 1992). Ainda para Ferreira (2017, p. 22) o desenho infantil "desempenha um papel central na construção do pensamento abstrato e na interiorização de signos", evidenciando que essa prática é fundamental para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sensíveis mais complexas. Assim dizendo, é uma experiência criativa e na "[...] continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver" (Winnicott, 2023, p. 75).

A compreensão do desenho como expressão simbólica, envolve tanto os processos emocionais quanto os cognitivos, pois o desenho é um vasto campo de potencialidades para o desenvolvimento de funções psicológicas, para a formação de conceitos abstratos e imaginação criadora.

Portanto, o desenho infantil é visto como um instrumento educativo que vai além do lazer, atuando como um meio de ampliação do repertório simbólico e do pensamento reflexivo das crianças. Para Mendes (2017, p. 29) "o desenho desempenha um papel fundamental no desenvolvimento simbólico e cognitivo das crianças".

Consideramos a leitura estética do desenho infantil como importante instrumento nas práticas docentes, uma vez que pode contribuir nas relações dialógicas, capaz de potencializar vínculos afetivos e processos de ensino e aprendizagem. Atravessar fronteiras nas práticas docentes é deslocar-se de um lugar a outro do pensamento "é uma direção possível para a (re)conexão de saberes e sensibilidades, para a (re)invenção de modos de ser, de dizer [...]" (Ostetto, 2021, p. 33).

As práticas docentes são marcadas pelo olhar afetuoso e sem pressa do/a docente, que potencializa o estar-junto e o fazer-junto com a criança. Afinal, ser professor/a é estar em constante movimento e aberto/a as novas experiências, consciente de que as práticas são constituídas junto-com (Vaillant; Marcelo, 2015).

Práticas docentes com destaque na experiência de fazer/ver e ver para fazer, estão pautadas nas concepções constituídas sobre fazer educação, pois como afirma Josso (2004, p. 48) "vivenciamos uma infinidade de transações,

vivências; estas vivências atingem o status de experiência a partir do momento em que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que passou e sobre o que foi observado, percebido, sentido”. Esta posição nos levou a escolher caminhos metodológicos, na busca de autores/as que contribuíssem para reiterar ideias e provocar reflexões.

3 Metodologia

Este artigo está embasado em levantamento bibliográfico a partir dos descritores “desenho infantil” e “infâncias”, na plataforma de Portal de Periódicos da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, [2025a]). Busca que utilizando como filtro as últimas duas décadas, resultou em apenas uma produção, intitulada: Análise da animação o menino e o mundo (2013): significados visuais acerca do desenho infantil e das infâncias, tendo como autores João Paulo Baliscai e Emily Anselmo Pereira (2021).

A partir desse resultado, resolvemos investir na busca por fundantes em pesquisas desenvolvidas com os descritores: “desenho infantil” e “infâncias”, consideradas as últimas duas décadas de produções, desta vez no Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES), o que resultou em 183 Dissertações e 60 Teses (CAPES, [(2025b)]).

Na ordem apresentada pela plataforma (Catálogo de Teses e Dissertações) com análise nos vinte primeiros resultados (teses e dissertações), evidenciamos um número reduzido de pesquisas e praticamente com os mesmos referenciais teóricos. Vale ressaltar que esses conceitos estão presentes neste artigo.

Esta investigação bibliográfica mobilizou o olhar estético/ético, corroborando no entendimento de que a ética é uma

[...] ciência crítica de valores, em que o ser ético problematiza os valores da vida; vida está compartilhada com a finalidade ao bem comum. Uma educação com fins éticos, portanto, constrói o conhecimento e está atenta e preocupada com a humanização [...] (Pillotto; Da Silva, 2016, p. 465).

A reflexão sobre a vida está ancorada na ética/estética, pois como bem fundamenta Rios (2010, p. 98) “[...] a racionalidade não está descolada da sensibilidade, mas ao contrário, está articulada a outras tantas capacidades, que influenciam na realidade com potência para transformá-la”.

Nesta direção, tendo como referência a pesquisa bibliográfica, é possível reiterar que o desenho infantil não é apenas uma forma de expressão da criança, mas também um artefato necessário para a compreensão dos seus pensamentos e sentimentos pelo/a docente.

No gesto de desenhar, a criança projeta inquietações e vontades, numa tentativa, por vezes inconsciente, de manifestar e projetar suas experiências. “As crianças pequenas tendem a ignorar ou a transformar a realidade num mundo subjetivo, rico em fantasia. Os desenhos são representações e não reproduções” (Di Leo, 1987, p. 45).

Mobilizadas por autores/as situados no campo da educação e amparados/as em conceitos sobre o desenho infantil e as sensibilidades, a pesquisa bibliográfica nos indicou a necessidade de buscar métodos de leitura para o desenho infantil, a fim de contribuir nas práticas docentes.

Essa busca nos levou a Robert Willian Ott (2011), pesquisador norte-americano, que desenvolveu a metodologia *image watching* (olhando imagens) com o objetivo de potencializar a relação do leitor com imagens. O autor define para esse processo cinco categorias nomeadas como: descrevendo, analisando, interpretando, fundamentando e revelando.

Importante destacar, que inicialmente as categorias de análise foram utilizadas em museus, com o intuito de sensibilizar as pessoas para que olhassem as produções artísticas de modo crítico/sensível. Ott (2011, p. 124) defende que é imprescindível o desenvolvimento de

[...] um sistema educativo que proporcione meios de aprender olhando para os objetos, não particularmente para seu valor material, mas para a experiência das ideias e da qualidade estética que eles podem conter.

Ao revisitar os estudos e pesquisas de Ott (2011), foi imediata a relação estabelecida entre as categorias criadas a partir da metodologia ‘olhando imagens’ com possibilidades de leitura estética referente à desenhos infantis. As categorias formam um conjunto de alternativas para que docentes possam tê-las como referência para criarem as suas próprias metodologias de leitura.

A categoria *descrevendo* tem como princípio, absorver o máximo possível tudo o que o desenho infantil pode oferecer e o que as pistas podem dizer sobre a produção infantil do que foi captado pelo/a docente. Na categoria analisando, o olhar de quem lê o desenho infantil precisa estar atento aos detalhes, destrinchando o alfabeto próprio da linguagem visual: formas, linhas, texturas, dimensões, materiais e suportes, bem como o gesto desenhado.

Na sequência, a categoria *interpretando* busca desvelar ideias, emoções, inquietações e situações advindas do desenho infantil por meio da composição visual e seus elementos, assim como personagens, cenários, objetos, entre outros.

A categoria *fundamentando* incentiva o/a docente a procurar informações adicionais sobre o autor (criança) que desenhou, levando em conta estudos referentes às infâncias relacionados as leituras estéticas.

Em se tratando da categoria *revelando*, vale dizer que esta é a síntese de todas as outras categorias, relacionado os elementos visuais e seus movimentos na composição criada. Destaca-se aqui, personagens, cenários, adereços e demais elementos, que podem dar indícios sobre acontecimentos e sentimentos da criança. Como cita Souza (2021, p. 87) a leitura "[...] estética oferece um olhar mais amplo sobre o desenho, destacando a importância de um ambiente que favoreça a percepção e a expressão artística das crianças".

Portanto, na leitura estética é importante considerar que ao desenhar "[...] a criança põe para fora uma amostra do potencial onírico e vive essa amostra num ambiente escolhido de fragmentos oriundos da realidade externa" (Winnicott, 2023, p. 76). Isto posto, é preciso que o/a docente tenha discernimento que o desenho infantil precisa ser compreendido como um todo, pois como afirma Aberastury (1996, p. 23), "[...] o simbolismo é apenas uma parte. Não se deve ver cada símbolo separadamente, deve-se estudar cada fator em relação com a situação total".

Os fundamentos e metodologia da pesquisa indicaram resultados, provocando discussões sobre a leitura do desenho infantil como aspecto importante nas práticas docentes.

4 Resultados e Discussões

Os pesquisadores contemporâneos que tratam das infâncias e seus desdobramentos, entre eles o desenho infantil, a exemplo Cunha (2023), Pillotto (2020) e Iavelberg (2017), reiteram a relevância da expressão infantil por meio do desenho, que oferece indícios de como a criança está naquele momento.

A pesquisa bibliográfica nos impulsionou a pensar no desenho como gesto em traços marcados em superfícies (papel, parede, chão...), "[...] tornando-se uma possibilidade de conhecer a criança através de uma outra linguagem: o desenho de seu espaço lúdico" (Moreira, 1993, p. 16). A criança desenha para expressar seus sentimentos e como forma de diversão, pois para ela é "[...] o palco de suas encenações, a construção de seu universo particular" (Derdyk, 1993, p. 10).

O traçado infantil pode ser um importante dispositivo nas práticas docentes, pois trata-se de uma linguagem expressiva, que imprime as percepções da criança e seus modos de se relacionar consigo e com os outros. Para Derdyk (1994, p. 51), desenhar é vital para a criança, no sentido de "[...] agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar. A criança projeta no seu desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel". O ato de desenhar é um gesto poético e cada criança tem seu jeito próprio de expressão, como afirma Barbieri (2012, p. 27)

[...] enquanto uma faz um desenho delicado, com a pontinha do lápis, a outra precisa rabiscar, porque tem muita energia e uma expressão mais contundente. Muitas vezes, não temos um olhar para isso, para esse território amplo de tantas expressões.

Neste viés, é preciso que o/a docente crie modos de ler o desenho infantil, compreendendo o gesto poético como tempo para a escuta e reflexão sobre os detalhes presentes no desenho infantil, e sobretudo, na alma de quem desenha - a criança. O desenho infantil é uma produção gráfica, que precisa ser considerada pelo/a docente como fonte de pistas e símbolos, contribuindo com o propósito de decifrar os enigmas expressos pela criança em sua produção (Diatkine, 2007).

Na relação entre quem cria o desenho infantil - a criança e quem o lê o/a docente, o diálogo é potencializado, por movimentos que envolvem percepções, interações e modos de ver/aprender (Pillotto, 2004).

Em síntese, para a criança o desenho é um meio de comunicação afetiva, que o/a docente necessita compreender e esmiuçar para que sua leitura faça sentido e contribua em suas práticas docentes. O desenho é constituído por códigos de linguagem, que podem propiciar a comunicação, seja verbal ou não verbal, tanto da criança quanto do docente.

A criança ao desenhar cria um mundo imagético ao mesmo tempo que traz as realidades vivenciadas, carregadas de experiências e emoções. Para ela o desenho é um dispositivo livre para criar, explorando seus sentimentos por meio do ato criativo. Deste modo, as associações que se faz da leitura são significativas, uma vez que somos convidados a entrar no mundo apresentado pela criança, que permeia o real e a fantasia (Pillotto, 2004).

Assim é importante que consideremos o conteúdo simbólico e como é apresentado pela criança para que a leitura estética possa ser uma experiência potencializada pela liberdade criativa, tanto da criança como do/a docente.

5 Considerações Finais

Os resultados da pesquisa, reiteram a importância de estudos e pesquisas sobre o desenho infantil, uma vez que é um mapa sensível para os profissionais que atuam com as infâncias.

Os achados da pesquisa indicam a redução de autores contemporâneos que tratem do desenho infantil no território das infâncias, mesmo que esta expressão seja fundamental, especialmente na docência, por ser um dispositivo que aponta como a criança pensa e sente.

O desenho infantil é uma escrita feita de traços, que inscreve o gesto da criança e pode comunicar suas ideias e sentimentos. Ao interpretar os desenhos infantis é possível nos valermos dos significados presentes nos símbolos, que traduzem expressões infantis para além da comunicação oral. São mecanismos de deslocamentos entre pensamento e sentidos, repletos de dados, que

sinalizam ideias e emoções, que a criança em outro modo de comunicação não conseguiria exprimir.

Nos processos interpretativos, encontra-se a ação de aprender, pois aquilo que vemos é também aquilo que nos olha e que está diante de nós (Didi-Huberman, 2010). O desenho infantil ao mesmo tempo que se mostra, não se deixa ver totalmente. Embora apresente um conjunto de elementos visuais, seus símbolos e significados sofrem alterações de acordo com as experiências e o contexto social da criança.

O desenho não é somente um espelho da realidade, pois é permeado pelo imaginário e pelas emoções. Sendo assim, para interpretá-lo é necessário a ajuda das convenções culturais (Santaella, 2003).

Nesta perspectiva, o desenho infantil tem uma gramática própria na qual a criança aprende a habitar o mundo. Ou como afirmam Berle e Richter (2015, p. 132) um jeito “[...] de aprender a dizer e a dizer-se, de tornar o mundo inteligível no e pelo encontro [...], aquele que permite compartilhar e instituir sentidos no mundo e com o mundo”.

A interpretação de um desenho infantil pelo/a docente, exige tempo de pausa para que possa captar e esmiuçar o que a criança pensa/sente. Nesta perspectiva, o/a docente é mobilizado/a a construir modos de pensar a criança por meio do desenho, criando seu próprio jeito de compreendê-la como sujeito social, que cria e busca seus próprios indícios de comunicação.

A leitura é uma experiência que diz muito mais do que aparenta mostrar, configurando-se “no aprender sobre si quando o desenho nos diz mais do que sabemos sobre o outro e sobre nós mesmos; uma imagem inventada, desfigurada, cuja força se deve aquilo de onde sai – um drama” (Bellour, 1997, p. 11).

Os desenhos infantis trazem histórias inventadas e reinventadas; imagens mentais/emocionais, reais e imaginárias. Ou ainda como afirma Bellour (1997, p. 11), “[...] uma energia latente, de linhas e superfícies, toques e pontos, alguma coisa como trama subtraída à ação em curso...”. As crianças evocam pela imaginação aquilo que fala à inteligência, sem se afirmar como verdade, mas, principalmente pelos sentidos e pelas sensibilidades (Meira; Pillotto, 2022). Assim, a leitura estética não se reduz ao que vemos de imediato, mas sobretudo no olhar cuidadoso do/a docente, que rastreia gestos, narrativas e subjetividades.

Esta pesquisa evidenciou a importância do desenho infantil como instrumento de comunicação, uma vez que os traços e figuras, não apenas refletem a visão de mundo das crianças, mas também como um meio indispensável de expressão, pensamentos, experiências e afetos.

Os autores apresentados neste artigo e estudiosos sobre o desenho infantil, infâncias e leitura estética como meio dialógico entre crianças e docentes, nos indicaram que a leitura não é passiva e engloba conhecimentos, experiências e visão de mundo de quem os lê.

Vale destacar que a leitura estética não é mera decodificação de um texto desenhado. É tecer uma trama com símbolos e significados, a partir de uma imagem pictórica, composta de códigos e subjetividades e, principalmente, de um olhar sem pressa do/a docente. É assim que compreendemos a leitura estética dos desenhos infantis, pois como bem diz Barbieri (2012, p. 84), o desenho infantil “[...] é uma forma de pensar, de narrar, de planejar, de projetar, de inventar outros mundos [...]”. Ou ainda, um mapa sensível, proporcionando um olhar mais apurado das complexidades humanas.

Compreender as infâncias e ter conhecimento das possibilidades que a leitura estética proporciona, é fundamental nas relações constituídas no percurso de ensinar e aprender a ver, tanto da criança quanto do/a docente.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Armanda. **Abordagem à psicanálise de crianças**. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

BALISCEI, João Paulo; PEREIRA, Emily Anselmo. A criança fala: o desenho como fonte de escuta e produção artística sobre as brincadeiras preferidas no cotidiano da educação infantil. **Olhar de Professor**, [S.l.], v. 24, p. 01-22, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.24.17637.081> Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/684/68466219081/html/#redalyc_68466219081_ref15 . Acesso em: 25 jan. 2025.

BARBIERE, Stela. **Interações**: onde está a arte na infância?. São Paulo: Blucher, 2012 (Coleção InterAções).

BELLOUR, Raymond. **Entre-imagem**. Tradução: Luciana A. Penna. Campinas: Ed. Papyrus, 1997.

BERLE, Simone; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Começar-se no Mundo: entre infâncias e linguagem. **Revista Eventos Pedagógicos**, [S.l.], v. 6, n. 13, p. 132-154, ago. /out. 2015. DOI: <https://doi.org/10.30681/reps.v6i3.9681> . Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/9681> . Acesso em: 10 dez. 2024.

CAMAROTTI, Maria do Carmo. O nascimento da psicanálise de criança – uma história para contar. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, p. 49 - 54, set. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000300007&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 06 dez. 2024.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Catálogo de Teses e Dissertações**. [(2025b)]. Disponível em:



<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/> . Acesso em: 29 jan. 2025.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portal de Periódicos da CAPES**. [(2025a)]. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Arte contemporânea e Educação infantil**: crianças observando, descobrindo e criando. 2. ed. ver. e ampl. Porto Alegre: Ed. Zouk, 2022.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Arte/Educação, infância e cultura visual**: Territórios da docência e pesquisa. Porto Alegre: Ed. Zouk, 2023.

DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1993.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1994.

DIATKINE, René. As linguagens da criança e a psicanálise. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 30, n. 45, p. 35-44, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062007000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 nov. 2024.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2010.

DI LEO, Joseph H. **A interpretação do desenho infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FERREIRA, Jane. **Funções cognitivas no desenho infantil**. Porto Alegre: Editora Cognitiva, 2017.

IABELBERG, Rosa. **Desenho na educação infantil**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado de criança**: prática e formação de educadores. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2017.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KELLOGG, Rhoda. **Analyzing children's art**. Palo Alto: Mayfield, 1969.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. Tradução: Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1977.



LUQUET, Georges-Henri. **O desenho infantil**. Barcelona: Porto Civilização, 1969.

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. 2.ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2022.

MENDES, Tânia. **O papel do desenho infantil no desenvolvimento simbólico**. Salvador: Editora Criativa, 2017.

MÈREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. Tradução: Alvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix. (Original publicado em 1974), 2017.

MOLINA GARCÍA, José. **Imágenes de la distancia**. Barcelona: Laertes, 2008.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MOREIRA, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

OSTETTO, Luciana E. Formação, pesquisa e prática docente pelos territórios da arte: (re)conectar sensibilidades, (re)inventar linguagens. *In*: OSTETTO, Luciana Esmeralda; SILVA, Greice Duarte de Brito; BIBIAN, Simone (org.). **Educação infantil, formação e prática docente nas tramas da arte: diálogos com Anna Marie e Veia Vecchi**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021. p. 23-35.

OTT, Robert William. Ensinando crítica nos museus. *In*: BARBOSA, Ana Mae Tavares (org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 113-141.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Tradução: Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PARSONS, Michael J. **Compreender a arte: uma abordagem à experiência estética do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo**. Tradução: Ana Luíza Faria. Lisboa: Editora Presença, 1992.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (org.). **Linguagens da arte na infância**. 2. ed. atual. Joinville: Univille, 2020.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; DA SILVA, Carla Clauber. Ética, estética e política na educação pela infância. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, [S.l.], v. 10, n. 3, p. 461- 475, 2016. DOI: <https://doi.org/10.7867/1981-9943.2016v10n3p461-475> . Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/5977> . Acesso em: 16 abr. 2025.



PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. O conhecimento sensível: uma contribuição para o aprendizado humano *In*: SCHRAMM, Marilene de Lima K.; CABRAL, Rozenei Maria W.; PILLOTTO, Silvia S. Duarte (org.). **Arte e o ensino da arte**: teatro, música e artes visuais. Blumenau: Nova Letra, 2004. p. 39-56.

RABELLO, Nancy. **O desenho infantil**: entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar – por uma docência da melhor qualidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus. 2003.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Culturas infantis e interculturalidade. *In*: DORNELLES, Leni Vieira (org.). **Produzindo pedagogias interculturais na infância**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 19-40.

SOUZA, Flávia Burdzinski de. **A valorização pedagógica do desenho infantil**. São Paulo: Editora Educação Viva, 2021.

STERN, Arnold. **Iniciação à educação criadora**. Lisboa: Socicultura, 1977.

VAILLANT, Denise; MARCELO, Carlos. **El abc y d de la formación docente**. Madrid: Narcea, 2015.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar & a realidade**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Coleção Psicologia Psicanalítica).

WINNICOTT, Donald Woods. **Consultas terapêuticas**: em psiquiatria infantil. Tradução revisada pelo Conselho Técnico da Ubu (Ana Lila Lejarraga, Christian Dunker, Gilberto Safra, Leopoldo Fulgencio, Tales Ab'Sáber). São Paulo: Ed. Ubu, 2023 (Coleção Winnicott).

Recebido em: 29 de janeiro de 2025.

Aceito em: 23 de abril de 2025.

Publicado em: 25 de junho de 2025.